Elias Serejo
Hericley Serejo-Santos

COMUNICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL

A formação de comunicadores comunitários em ambiente florestal como estratégia de ação climática na Amazônia



COMUNICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL

A formação de comunicadores comunitários em ambiente florestal como estratégia de ação climática na Amazônia

30 anos | IFT

Manejando florestas e fortalecendo caminhos para o futuro da Amazônia

INSTITUTO FLORESTAL TROPICAL

Conselho Diretor

Presidente
Aline Tristão Bernardes

Conselheiros
Andre da Silva Dias
Breno Figueiredo
Edson José Vidal Da. Silva
Manoel Pereira Dias
Leonardo Martin Sobral

Secretário Executivo
Marco W. Lentini

Vice-Secretário Executivo
Marcelo Galdino

Gerente de Projetos Estratégicos
Iran Paz Pires

Gerente de Bioeconomia e Sociobiodiversidade
Paula Vanessa Silva

Elias Serejo
Jornalista - Dr. em Ciências da Comunicação (UFPA)

Hericley Serejo-Santos
Relações Públicas - Dr. em Ciências da Comunicação (UFPA)

COMUNICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL

A formação de comunicadores comunitários em ambiente florestal como estratégia de ação climática na Amazônia

Belém-PA
IFT
2026

2026, autores.

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. É permitido copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato, desde que atribuída a autoria e fonte.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Serejo, Elias. Comunicação Socioambiental: a formação de comunicadores comunitários em ambiente florestal como estratégia de ação climática na Amazônia / Elias Serejo, Hericley Serejo-Santos. — 2026.
54 f.

ISBN: 978-85-63521-06-4

1. Comunicação Socioambiental. 2. Comunicação Comunitária. 3. Comunicação Popular. 4. Educomunicação. 5. Verde Para Sempre. I. Serejo, Elias. II. Serejo-Santos, Hericley. III. Título.

CDD 302.2

Este material foi produzido com apoio do:

Programa

Sustenta.Bio

Parceria

FUNDO VALE

ICMBio
INSTITUTO CHICO MENDES
MMA

Parceiro correalizador

30 anos IFT

AGRADECIMENTOS

Esta publicação só foi possível porque a formação foi construída com os jovens, e não apenas para eles. Agradecemos a cada participante que compartilhou seu tempo, suas experiências, dúvidas, conhecimentos, olhares sobre o território e expectativas sobre a comunicação.

Desde o início, buscamos nos afastar de uma lógica de exploração de informações, em que se chega ao território apenas para coletar relatos, dados e imagens e, depois, produzir conhecimento distante de quem o tornou possível. A proposta foi outra: criar um espaço de diálogo, aprendizagem e produção compartilhada, reconhecendo os participantes como sujeitos do processo e detentores de conhecimentos fundamentais sobre suas comunidades e a Reserva Extrativista Verde Para Sempre.

As páginas desta publicação refletem esse encontro. Elas articulam as análises dos autores, construídas a partir das lentes teóricas da comunicação comunitária e popular, da comunicação socioambiental e da educomunicação, com os saberes, questionamentos e reflexões compartilhados durante as oficinas e os diálogos com o grupo.

Registramos nosso agradecimento ao Sustenta.bio, uma parceria entre o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e o Fundo Vale, que contribuíram para tornar esta experiência possível, e ao Comitê de Desenvolvimento Sustentável de Porto de Moz (CDS), pelo apoio e pela parceria ao longo da formação.

Esta publicação também integra a campanha comemorativa dos 30 anos do Instituto Floresta Tropical (IFT). Ao celebrar três décadas de atuação, sistematizar e compartilhar esta experiência reafirma um compromisso que atravessa a trajetória do Instituto: formar pessoas, valorizar conhecimentos construídos nos territórios e fortalecer capacidades para o manejo e a conservação das florestas tropicais.

Nosso agradecimento é, sobretudo, um reconhecimento: há muitas vozes presentes nestas páginas. Que os conhecimentos aqui reunidos retornem aos territórios, circulem, sejam apropriados, questionados e transformados em novas práticas de comunicação.

SUMÁRIO

9 APRESENTAÇÃO

11 CAPÍTULO 1 — O PROJETO E O CONTEXTO DE IMPLEMENTAÇÃO DA FORMAÇÃO

1.1 A perspectiva educomunicativa como orientação metodológica

1.2 Como esta publicação está estruturada

15 CAPÍTULO 2 — O PERCURSO CRIATIVO DA FORMAÇÃO DE JOVENS COMUNICADORES SOCIOAMBIENTAIS

2.1 Estrutura geral da formação

2.2 Mobilização e processo de inscrição

2.3 Linguagens comunicativas escolhidas

2.4 A educomunicação como eixo orientador

19 CAPÍTULO 3 — COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA, COMUNICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL E EDUCOMUNICAÇÃO COMO FUNDAMENTOS DA FORMAÇÃO

3.1 Comunicação popular e comunitária: participação, território e cidadania comunicacional

3.2 Comunicação socioambiental: disputa de sentidos, justiça ambiental e participação

3.3 Educomunicação: diálogo, protagonismo e ecossistemas comunicativos

3.4 Articulação dos campos e implicações para a formação

23 CAPÍTULO 4 — O PRIMEIRO ENCONTRO PRESENCIAL: TEXTO, PODCAST E COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA NA PRÁTICA

4.1 Comunicação comunitária e popular: o que é e para que serve

4.2 Comunicação socioambiental e o papel das comunidades no debate ambiental e climático

4.3 Noções básicas de texto jornalístico comunitário

4.4 Introdução ao podcast e à entrevista em áudio

4.5 Estruturação de roteiros simples para gravação com celular

33 CAPÍTULO 5 — O SEGUNDO ENCONTRO PRESENCIAL: VÍDEO COM CELULAR E ENTREVISTA AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA

5.1 O papel do vídeo na comunicação comunitária e socioambiental

5.2 Noções básicas de audiovisual com celular

5.3 Estrutura de roteiros simples para vídeo

5.4 Entrevista audiovisual como prática ética e dialógica

40 CAPÍTULO 6 — O TERCEIRO ENCONTRO PRESENCIAL: FOTOGRAFIA EM AMBIENTE COMUNITÁRIO

6.1 Construção das orientações para a publicação "Comunicação Socioambiental"

6.2 Introdução à fotografia comunitária

46 CAPÍTULO 7 — AVALIAÇÃO DA FORMAÇÃO, LIÇÕES APRENDIDAS E SABERES PRODUZIDOS NO PROCESSO EDUCOMUNICATIVO

7.1 Avaliação como prática dialógica e formativa

7.2 Comunicação, autonomia e poder de enunciação

7.3 Saberes produzidos a partir das linguagens comunicativas

7.4 Ética, simplicidade e comunicação como prática coletiva

50 CONSIDERAÇÕE FINAIS

53 REFERÊNCIAS

APRESENTAÇÃO

Esta publicação nasce do encontro entre território, juventude e comunicação. Ela busca apoiar e contribuir para a reflexão e para práticas voltadas ao fortalecimento de experiências comunicativas construídas a partir das vozes, olhares e vivências de populações tradicionais, em especial comunidades ribeirinhas da Amazônia.

Localizada no campo da comunicação socioambiental e da comunicação comunitária e popular, reconhece a comunicação como um direito, uma mediação para o cuidado com o território e um meio estratégico para ampliar o debate climático e ambiental a partir de quem vive e conserva a floresta no dia a dia.

A elaboração desta publicação está diretamente ligada à experiência do Instituto Floresta Tropical (IFT) na Formação de Jovens Comunicadores Socioambientais na Reserva Extrativista Verde Para Sempre, no município de Porto de Moz (PA).

Ao longo do processo formativo, composto por oficinas presenciais dedicadas a texto, podcast, vídeo e fotografia, com uso de dispositivos móveis, jovens da Resex foram convidados a refletir sobre comunicação, a produzir conteúdos, registrar suas realidades e discutir o papel do comunicador comunitário na defesa do território e na construção e difusão de narrativas socioambientais.

Durante o terceiro e último encontro da formação, os próprios participantes foram protagonistas na elaboração coletiva das orientações que geraram esta publicação, transformando aprendizados práticos, debates e vivências em orientações acessíveis, contextualizadas e conectadas à realidade local. Assim, o guia é um registro metodológico e um resultado vivo de uma experiência educativa e comunicativa construída em conjunto.

Trata-se de um material formativo, voltado ao aprendizado contínuo de jovens comunicadores; um recurso de suporte para orientação prática, com dicas, roteiros e cuidados para produção de conteúdos socioambientais; uma proposta destinada à multiplicação, pensada para apoiar outras organizações, coletivos e educadores interessados em desenvolver iniciativas semelhantes.

O conteúdo apresentado dialoga com princípios da educomunicação, da comunicação popular e da comunicação socioambiental, valorizando a simplicidade, o

uso de tecnologias acessíveis e o respeito às culturas, aos saberes e aos modos de vida locais.

Assim, esta publicação tem o objetivo de contribuir para o fortalecimento da comunicação comunitária e popular em contextos socioambientais; apoiar jovens e comunidades na produção de conteúdos a partir de suas próprias narrativas; estimular o uso da comunicação como estratégia para o cuidado com o território, mobilização e incidência; sistematizar a experiência do IFT na formação de comunicadores socioambientais na Resex Verde Para Sempre; oferecer subsídios práticos para que outras organizações possam multiplicar essa experiência em diferentes territórios; e ampliar a participação de populações tradicionais no debate climático e ambiental, a partir de suas perspectivas.

O guia é direcionado a diferentes públicos, entre eles jovens comunicadores e comunicadoras de comunidades ribeirinhas, extrativistas e de populações tradicionais; organizações da sociedade civil, coletivos, associações e projetos socioambientais; educadores populares, facilitadores e agentes comunitários; instituições e iniciativas interessadas em comunicação, juventude, meio ambiente e clima; pessoas interessadas em compreender e fortalecer práticas de comunicação comunitária na Amazônia.

O conteúdo foi estruturado para ser utilizado de forma flexível. Ele pode servir como material de apoio para formações e oficinas; referência para produção de conteúdos comunitários; base metodológica para novos programas de capacitação; fonte de consulta para jovens comunicadores em formação ou já atuantes.

Desejamos que as orientações práticas, reflexões conceituais e aprendizados resultantes das experiências com os jovens comunicadores de Porto de Moz (PA) contribuam e inspirem a construção de muitas outras iniciativas destinadas a diferentes territórios.

Instituto Floresta Tropical



CAPÍTULO 1

O PROJETO E O CONTEXTO DE IMPLEMENTAÇÃO DA FORMAÇÃO

A Formação de Jovens Comunicadores Socioambientais, que deu origem a esta publicação, integra o conjunto de ações do projeto Retomada do Manejo Florestal Comunitário, implementado pelo Instituto Floresta Tropical Johan Zweede (IFT) com apoio do programa Sustenta.Bio, uma parceria entre o ICMBio e o Fundo Vale, na Reserva Extrativista Verde Para Sempre, localizada no município de Porto de Moz, na região oeste do Pará.

A Resex Verde Para Sempre é a maior Reserva Extrativista do Brasil, criada em 2004, com aproximadamente 1,3 milhão de hectares, ocupando cerca de 82% do território de Porto de Moz. O território abriga 37 comunidades e uma população estimada em 13 mil pessoas, cuja subsistência está historicamente associada ao uso sustentável dos recursos florestais.

O projeto Retomada foi concebido com o objetivo de apoiar a retomada e a autonomia comunitária na execução do manejo florestal comunitário em quatro comunidades que tiveram os respectivos Planos de Manejo Florestal Sustentável Comunitário (PMFSC) suspensos no ano de 2023, de modo a fortalecer a governança local e a fomentar o manejo florestal sustentável como estratégia de conservação dos recursos naturais e a promover a geração de renda e a melhoria da qualidade de vida das populações tradicionais residentes na Unidade de Conservação.

Durante as visitas realizadas pelo IFT às comunidades de Juçara, Por Ti Meu Deus, Arimum e Paraíso, em articulação com o ICMBio, o Comitê de Desenvolvimento Sustentável do Xingu (CDS) e a Cooperativa Mista Agroextrativista Floresta Sempre Viva Três Rios (Coomar), ficou evidente que o fortalecimento do manejo florestal comunitário exige capacitações técnicas e processos de comunicação

capazes de dar visibilidade, sentido e voz às experiências locais.

Nesse contexto, a Formação de Jovens Comunicadores surgiu como uma ação complementar e estratégica ao projeto de retomada do manejo. Seu objetivo foi contribuir para que os próprios moradores, especialmente os jovens, pudessem comunicar o manejo florestal, a vida comunitária e os desafios socioambientais a partir de seus próprios olhares, fortalecendo o diálogo interno nas comunidades e a comunicação com atores externos.

Assim, a formação dialogou diretamente com os objetivos do programa Sustenta.Bio, ao fortalecer capacidades locais para a gestão e comunicação do manejo florestal comunitário; ampliar a participação social e o protagonismo juvenil nos processos territoriais; contribuir para a valorização da sociobiodiversidade e das economias florestais; e apoiar a construção de narrativas positivas sobre o manejo sustentável e o uso responsável da floresta.

1.1 A perspectiva educomunicativa como orientação metodológica

A Formação de Jovens Comunicadores foi construída a partir da perspectiva educomunicativa, que compreende a interface entre comunicação e educação como oportunidade para promover formação cidadã e crítica, protagonismo, participação ativa e transformações sociais.

Essa abordagem fez diferença na implementação da formação ao reconhecer os jovens como agentes do processo e não apenas como receptores de conteúdo. Assim, valorizou-se os saberes locais, as vivências comunitárias e o território como ponto de partida da aprendizagem. A partir disso, foi possível estruturar as atividades, articulando teoria e prática, com uso de dispositivos móveis acessíveis, o que permitiu incorporar o cotidiano dos participantes e promover espaços de escuta, diálogo e construção coletiva, fundamentais para contextos de populações tradicionais. A experiência formativa foi transformada em conteúdo, culminando na construção coletiva deste guia.

A educomunicação, nesse sentido, mostrou-se uma estratégia potente para fortalecer ações socioambientais em territórios como a Resex Verde Para Sempre, pois conecta formação técnica, identidade cultural, participação social e comunicação comprometida com o bem comum.

1.2 Como esta publicação está estruturada

Este guia foi organizado de modo a articular reflexão, prática e multiplicação da experiência que compartilhamos, reunindo:

- Uma contextualização sobre comunicação socioambiental, educomunicação, comunicação comunitária e popular;
- A apresentação da experiência do IFT na Formação de Jovens Comunicadores


COZINHA COMUNITÁRIA

na Resex Verde Para Sempre;
• Diretrizes e princípios construídos coletivamente pelos participantes;
• Orientações práticas sobre produção de texto, áudio/podcast, vídeo e fotografia com dispositivos móveis;
• Recomendações éticas para a comunicação em territórios de populações tradicionais;
• Subsídios metodológicos para que outras organizações possam adaptar e replicar a experiência em seus próprios contextos.

Ao reunir esses elementos, a publicação busca não apenas registrar a referida experiência, mas oferecer caminhos concretos para o fortalecimento da comunicação comunitária e socioambiental como parte das estratégias de enfrentamento aos desafios climáticos, ambientais e sociais na Amazônia.



CAPÍTULO 2

O PERCURSO CRIATIVO DA FORMAÇÃO DE JOVENS COMUNICADORES SOCIOAMBIENTAIS

A Formação de Jovens Comunicadores Socioambientais foi idealizada como um processo educativo e comunicativo estruturado para dialogar diretamente com a realidade da Reserva Extrativista Verde Para Sempre, considerando desafios territoriais, ambientais e sociais, e o protagonismo da juventude ribeirinha.

Desde o início, a proposta partiu do entendimento de que formar comunicadores em territórios de populações tradicionais requer mais do que conhecimentos técnicos: requer escuta, vínculo com o território, valorização dos saberes locais e metodologias capazes de transformar vivências em narrativas próprias. Por isso, a formação foi desenhada a partir da perspectiva educomunicativa, articulando aprendizagem, diálogo e participação ativa como dimensões inseparáveis.

2.1 Estrutura geral da formação

A formação foi organizada em três encontros presenciais, complementados por atividades assíncronas realizadas entre as oficinas. Essa estrutura permitiu combinar momentos intensivos de troca e prática coletiva com períodos de experimentação individual e aplicação dos aprendizados no cotidiano das comunidades.

Os encontros presenciais tiveram duração de um dia inteiro cada, possibilitando aprofundamento técnico, convivência entre os participantes e acompanhamento próximo dos processos de aprendizagem. Já as atividades assíncronas funcionaram como uma extensão da oficina, incentivando os jovens a praticarem a

produção de conteúdos em seus próprios contextos, com autonomia e criatividade.

Ao longo do processo, os participantes foram estimulados a produzir textos, áudios, vídeos e fotografias, sempre utilizando seus celulares, reforçando a ideia de que a comunicação comunitária pode e deve ser construída com recursos acessíveis.

2.2 Mobilização e processo de inscrição

A mobilização para a formação foi realizada por meio da circulação de informações em texto e imagem (card) via WhatsApp, estratégia escolhida por dialogar diretamente com os canais de comunicação mais utilizados pelas comunidades da Resex.

Os cards buscaram apresentar de forma clara os objetivos da formação, o perfil dos participantes e as orientações para inscrição, convidando jovens interessados em comunicação, meio ambiente e vida comunitária a participarem do processo. A resposta foi expressiva: cerca de 40 pessoas se inscreveram, demonstrando uma significativa demanda por iniciativas formativas voltadas à comunicação no e para o território.

A partir das inscrições, foi realizada a organização dos grupos e a definição dos participantes que integrariam os encontros presenciais, considerando critérios como interesse, disponibilidade e vínculo comunitário.

2.3 Linguagens comunicativas escolhidas

A definição das linguagens comunicacionais trabalhadas ao longo da formação (texto, podcast/áudio, vídeo e fotografia) foi resultado de uma escolha pedagógica e estratégica.

Essas linguagens foram selecionadas por serem compatíveis com o uso de celulares, principal ferramenta disponível nas comunidades, por permitirem múltiplas formas de expressão, do relato cotidiano à comunicação institucional. Com isso, foi possível dialogar com diferentes perfis de jovens, ampliando as possibilidades de engajamento e a potencial circulação de conteúdos em redes sociais, grupos de WhatsApp e espaços comunitários.

Tais linguagens contribuem, ainda, para a construção de narrativas sobre o manejo florestal, o território e a vida na Resex. Cada linguagem foi trabalhada de forma integrada, associando umas às outras, sempre as conectando à realidade local e às experiências dos próprios participantes.

2.4 A educomunicação como eixo orientador

A educomunicação como eixo metodológico orientou todas as etapas da for-



mação, do desenho do programa à condução das oficinas e à elaboração deste guia.

Na prática, isso significou reconhecer os jovens como sujeitos ativos do processo formativo; partir das experiências e expectativas dos participantes para construir os conteúdos; promover atividades práticas desde o início, evitando abordagens excessivamente teóricas; estimular o trabalho coletivo, a escuta e o feedback entre pares; transformar a própria formação em objeto de reflexão e sistematização, culminando na construção desta publicação.

Essa abordagem permitiu que a formação fosse, ao mesmo tempo, um espaço de aprendizagem técnica e um processo de fortalecimento identitário, comunitário e territorial.



CAPÍTULO 3

COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA, COMUNICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL E EDUCOMUNICAÇÃO COMO FUNDAMENTOS DA FORMAÇÃO

A construção da Formação de Jovens Comunicadores Socioambientais está ancorada em um conjunto consistente de referenciais teóricos oriundos dos campos da comunicação popular e comunitária, da comunicação socioambiental e da educomunicação. Esses campos, embora distintos em suas origens, compartilham pressupostos centrais relacionados à participação social, ao direito à comunicação, à produção de sentidos a partir dos territórios e à valorização de sujeitos historicamente subalternizados nos processos comunicativos.

3.1 Comunicação popular e comunitária: participação, território e cidadania comunicacional

A comunicação popular e comunitária constitui um campo consolidado na América Latina, com forte tradição teórica no Brasil, articulado historicamente às lutas por democratização da comunicação, participação política e construção de cidadania. Autores e autoras como Cicília Maria Krohling Peruzzo (2013), Luis Ramiro Beltrán (2014) e Juan Díaz Bordenave (2016) compreendem a comunicação comunitária como prática social vinculada às classes populares, aos movimentos sociais e às comunidades territoriais, em contraposição ou como alternativa à mídia hegemônica.

Nessa perspectiva, comunicar não é apenas informar, mas organizar, mobilizar e produzir sentidos coletivos, fortalecendo vínculos comunitários e processos de participação. Essa perspectiva se demonstra relevante para territórios de populações tradicionais, como as reservas extrativistas, onde a comunicação se imbricada com o cotidiano, os modos de vida e a relação com o território.

O campo também dialoga com a teoria da folkcomunicação, desenvolvida por Luiz Beltrão (2014), que destaca as formas populares e tradicionais de circulação de informação (orais, simbólicas e culturais) e suas mediações em interface com os meios de comunicação mais amplos. Essa leitura destaca a centralidade de práticas comunicativas locais em contextos ribeirinhos, onde festas, narrativas orais, lideranças comunitárias e redes de vizinhança desempenham papel fundamental na circulação de sentidos.

3.2 Comunicação socioambiental: disputa de sentidos, justiça ambiental e participação

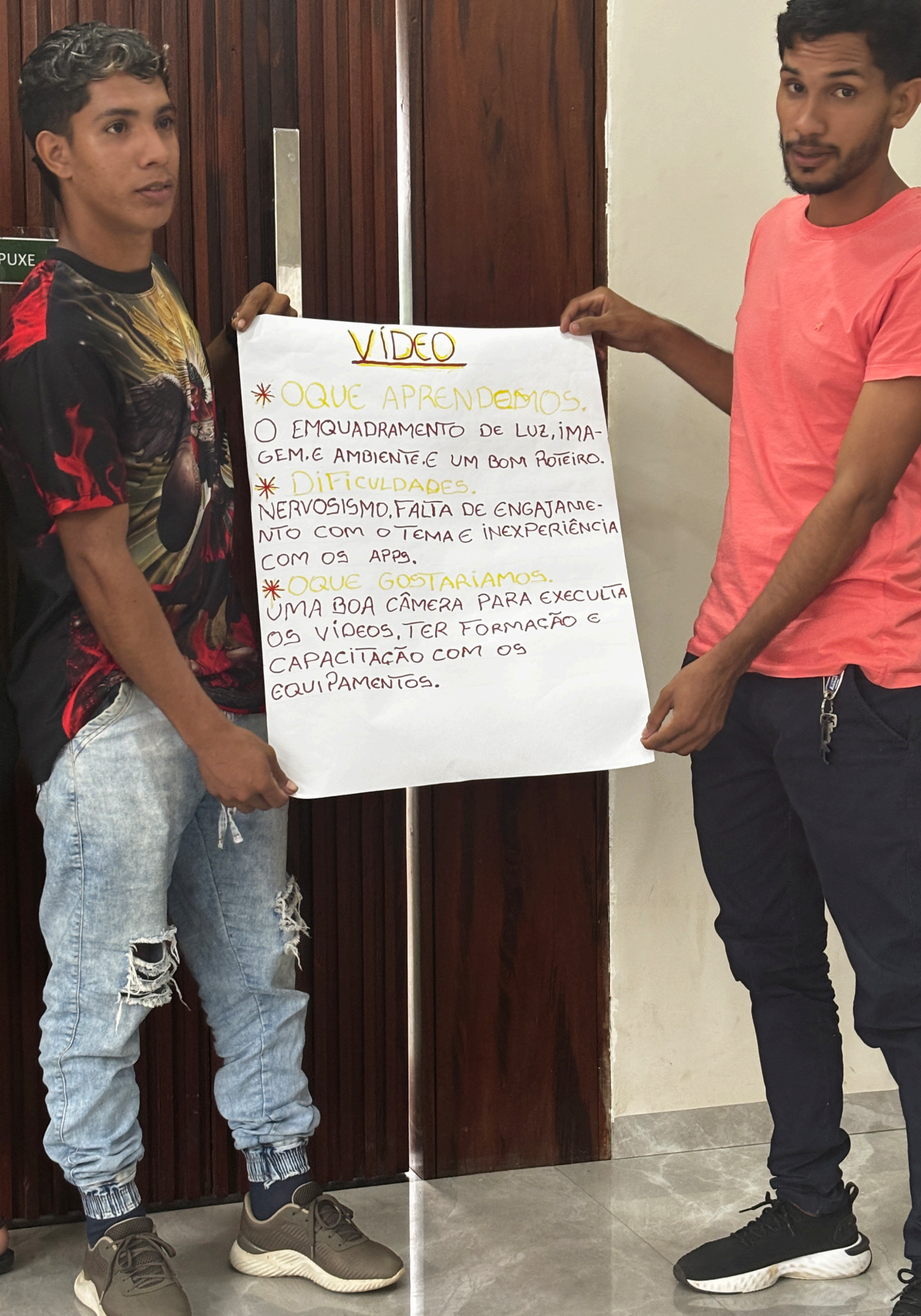
A comunicação socioambiental, por sua vez, configura-se como um campo plural e interdisciplinar, em consolidação no Brasil, articulando comunicação, meio ambiente, educação, política e justiça social. O estado da arte indica a coexistência de diferentes correntes teóricas, que vão desde abordagens mais instrumentais, voltadas à sensibilização e mudança de comportamento, até abordagens críticas e constitutivas, que compreendem a comunicação como espaço de disputa de sentidos sobre natureza, desenvolvimento, crise climática e conflitos territoriais.

As correntes críticas da comunicação socioambiental dialogam com a ecologia política, a justiça ambiental e os estudos sobre conflitos socioambientais, reconhecendo que problemas ambientais não são apenas técnicos ou informacionais, mas profundamente políticos e comunicacionais. Nesse sentido, comunicar o meio ambiente implica disputar narrativas, visibilizar desigualdades, reconhecer saberes tradicionais e ampliar a participação de populações diretamente afetadas pelas decisões ambientais.

A formação desenvolvida na Resex Verde Para Sempre se alinha a essa vertente crítica, ao compreender a comunicação como mediação de incidência, proteção territorial e ampliação do debate climático a partir da perspectiva de quem vive na floresta.

3.3 Educomunicação: diálogo, protagonismo e ecossistemas comunicativos

A educomunicação é o terceiro eixo central do referencial adotado. Situada na interface entre educação e comunicação, ela é entendida como um campo de intervenção social que promove ecossistemas comunicativos pautados no diálogo, na participação ativa e na formação crítica e cidadã voltada à transformação social (So-


VÍDEO
*OQUE APRENDEMOS.
O EMQUADRAMENTO DE LUZ, IMAGEM. E AMBIENTE. E UM BOM ROTEIRO.
* DIFICULDADES.
NERVOSISMO, FALTA DE ENGAJAMENTO COM O TEMA E INEXPERIÊNCIA COM OS APPS.
*OQUE GOSTARIAMOS.
UMA BOA CÂMERA PARA EXECULTA OS VÍDEOS, TER FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO COM OS EQUIPAMENTOS.

ares, 2011). Inspirada na tradição freireana, ela enfatiza as mediações socioculturais de quem protagoniza as práticas educomunicativas e estimula a cooperação e a construção coletiva do conhecimento.

A educomunicação é constituída por áreas de intervenção, onde teoricamente se agrupam conjuntos de práticas com intencionalidades e características semelhantes. São elas: Educação para Comunicação, Mediação Tecnológica nos Espaços Educativos, Gestão Comunicativa na Educação, Expressão Comunicativa por meio das Artes, Reflexão Epistemológica, Produção Midiática para a Educação e Pedagogia da Comunicação (Koffermann, 2025). Enquanto campo de estudo vivo, em contínua atualização, as práticas educomunicativas e o avanço de pesquisas científicas têm reconhecido a interface da educomunicação com iniciativas socioambientais como uma nova área de intervenção: a Educomunicação Socioambiental, recentemente oficializada pelo Núcleo de Comunicação e Educação da USP (NCE/USP) em parceria com a Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (ABPEducom, 2026).

Na Formação de Jovens Comunicadores do IFT, a educomunicação orientou tanto a estrutura pedagógica quanto a dinâmica das oficinas, assegurando que os participantes fossem sujeitos ativos do processo, produtores de conteúdo e coautores deste guia. A combinação entre práticas comunicativas (texto, áudio, vídeo e fotografia), reflexão crítica e vínculo territorial materializa a educomunicação como prática viva, situada e transformadora nas experiências vivenciadas por esses jovens.

3.4 Articulação dos campos e implicações para a formação

Ao articular comunicação comunitária, comunicação socioambiental e educomunicação, a formação adotou um modelo teórico que reconhece:

- A comunicação como direito e prática cidadã;
- O território como espaço de produção de sentidos e saberes;
- Os jovens como protagonistas da comunicação comunitária;
- As tecnologias como mediações e não finalidades em si;
- A formação como processo dialógico, contínuo e situado.

Esse referencial fundamenta as escolhas metodológicas da formação e sustenta a proposta apresentada neste guia, oferecendo bases para que a experiência possa ser compreendida, replicada e adaptada em outros contextos de populações tradicionais.

A partir disso, a Formação de Jovens Comunicadores Socioambientais foi estruturada em três encontros presenciais, articulados entre si e complementados por atividades assíncronas, ou seja, aquelas realizadas no período em que estavam em suas comunidades. Cada encontro trabalhou um conjunto de linguagens comunicativas, aprofundando gradualmente o repertório técnico e crítico dos participantes, sempre ancorado na realidade territorial da Resex Verde Para Sempre. Nos próximos capítulos, detalhamos o programa de cada encontro e os pressupostos teóricos compartilhados.



CAPÍTULO 4

O PRIMEIRO ENCONTRO PRESENCIAL: TEXTO, PODCAST E COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA NA PRÁTICA

Carga horária: 8 horas
Participantes: 15 jovens

Objetivos do encontro

O primeiro encontro teve como objetivos principais:

• Introduzir os participantes aos fundamentos da comunicação comunitária e socioambiental;
• Apresentar a perspectiva da educomunicação como base da formação;
• Desenvolver habilidades iniciais de produção de texto comunitário;
• Apresentar a linguagem do podcast/áudio como algo acessível para desenvolver a comunicação popular;
• Estimular o protagonismo juvenil e a construção coletiva do processo formativo.

Metodologia e abordagem

O encontro priorizou o diálogo, a escuta, a troca de experiências e a aprendizagem pela prática, conforme orientam os pressupostos educomunicativos. Desde o início, os jovens foram convidados a refletir sobre suas próprias relações com a comunicação, suas expectativas e as histórias que consideravam importantes em suas comunidades.

A metodologia combinou:

• Exposições dialogadas, com linguagem acessível;

- Dinâmicas de integração e roda de conversa;
- Exercícios práticos em pequenos grupos;
- Momentos de feedback coletivo.

Conteúdos trabalhados

Durante o encontro, foram abordados os seguintes conteúdos:

- Comunicação comunitária e popular: o que é e para que serve;
- Comunicação socioambiental e o papel das comunidades no debate ambiental e climático;
- Noções básicas de texto jornalístico comunitário (clareza, perguntas fundamentais, organização das ideias);
- Introdução ao podcast e à entrevista em áudio;
- Estruturação de roteiros simples para gravação com celular.

Esses conteúdos foram sempre relacionados ao cotidiano da Resex Verde Para Sempre, às experiências dos jovens e aos temas ligados ao território, ao manejo florestal e à vida comunitária.

Atividades desenvolvidas

Entre as atividades práticas realizadas, destacam-se:

- Produção de mini-textos/notícias comunitárias, baseadas em fatos e histórias locais;
- Elaboração coletiva de perguntas de entrevista;
- Construção de roteiros simples de podcast;
- Gravação de áudios curtos com celulares, em grupos;
- Roda de escuta dos áudios produzidos, com comentários e orientações.

As atividades favoreceram a participação ativa dos jovens, que demonstraram interesse e engajamento ao longo de todo o dia, compartilhando percepções e expectativas sobre o papel da comunicação em suas comunidades.

Atividades assíncronas

Ao final do encontro, foi proposta uma atividade assíncrona, com o objetivo de estimular a prática autônoma entre as oficinas. Cada participante foi convidado a:

- Elaborar um roteiro em texto sobre um tema de sua comunidade;
- Gravar um podcast em áudio, de até dois minutos, utilizando o celular e aplicando os conceitos trabalhados no encontro.

Essas produções serviram como base para acompanhamento do aprendizado e para o aprofundamento das atividades no encontro seguinte.

Resultados do encontro

O primeiro encontro cumpriu seu papel de porta de entrada para a formação, criando um ambiente acolhedor, participativo e estimulante. Os jovens demonstraram forte interesse pelos temas abordados e relataram que esperavam por uma formação voltada à comunicação há algum tempo.

O encontro estabeleceu as bases conceituais e práticas da formação, fortalecendo a confiança dos participantes e abrindo caminho para o aprofundamento das linguagens audiovisuais no segundo encontro.

Nos tópicos seguintes apresentamos o conteúdo teórico debatido com os jovens.

4.1 Comunicação comunitária e popular: o que é e para que serve

A comunicação comunitária e popular é um campo de práticas e reflexões que compreende a comunicação como um direito, uma estratégia de participação social e um processo coletivo de construção de sentidos. Diferentemente da comunicação comercial ou dos grandes meios de comunicação, a comunicação comunitária parte do princípio de que as próprias comunidades devem ser protagonistas na produção e circulação de suas narrativas.

Nesse modelo, comunicar não se resume a transmitir informações, mas envolve dialogar, escutar, mobilizar e fortalecer vínculos comunitários. A comunicação comunitária nasce do cotidiano, das relações locais, dos problemas e das soluções construídas coletivamente, e se expressa por meio de diferentes linguagens: conversas, reuniões, rádio comunitária, cartazes, redes sociais, vídeos, áudios e registros feitos com celulares.

Já a noção de comunicação popular reforça o compromisso político e social dessas práticas, historicamente ligadas às lutas por direitos, reconhecimento e justiça social. Trata-se de uma comunicação que se coloca a serviço das comunidades populares e tradicionais, valorizando seus saberes, suas formas de organização e suas culturas, muitas vezes invisibilizadas ou distorcidas pela mídia hegemônica.

Em territórios como a Reserva Extrativista Verde Para Sempre, a comunicação comunitária e popular cumpre funções estratégicas, como:

- Fortalecer a identidade comunitária e o sentimento de pertencimento ao território;
- Ampliar a circulação de informações importantes para a vida coletiva;
- Apoiar processos de organização social e tomada de decisão;
- Registrar memórias, histórias e saberes locais;
- Dar visibilidade às experiências de manejo florestal comunitário e às formas de relação sustentável com a floresta;
- Criar canais próprios de diálogo com instituições, parceiros e a sociedade em geral.

Ao formar jovens comunicadores a partir dessa perspectiva, a formação reconhece que quem vive no território tem legitimidade para falar sobre ele. A comunicação deixa de ser algo feito "de fora para dentro" e passa a ser construída "de dentro para fora", a partir dos olhares de quem conhece a floresta, o rio e a comunidade no dia a dia.

Assim, a comunicação comunitária e popular serve para fortalecer vozes locais,

ampliar a participação das comunidades no debate público e criar narrativas mais justas, diversas e conectadas à realidade socioambiental dos territórios.

4.2 Comunicação socioambiental e o papel das comunidades no debate ambiental e climático

A comunicação socioambiental é um campo de práticas e reflexões que articula comunicação, meio ambiente, território e justiça social. Diferente de abordagens que tratam os problemas ambientais apenas como questões técnicas ou científicas, a comunicação socioambiental reconhece que os conflitos e desafios ambientais são também conflitos de narrativas, nos quais diferentes atores disputam sentidos sobre desenvolvimento, conservação, uso dos recursos naturais e futuro dos territórios.

Nesse contexto, comunicar sobre meio ambiente é mais do que informar sobre dados, impactos ou políticas públicas; é criar condições para que diferentes vozes participem do debate, especialmente aquelas historicamente excluídas dos espaços de decisão. É nesse ponto que o papel das comunidades locais e tradicionais se torna central.

Populações ribeirinhas, extrativistas, indígenas e outras comunidades tradicionais são umas das mais afetadas pelas questões ambientais. Em contrapartida, são protagonistas indispensáveis na conservação dos ecossistemas, acumulam conhecimentos profundos sobre os territórios e vivenciam cotidianamente os efeitos das mudanças climáticas e das pressões sobre a floresta. Infelizmente, seus saberes e experiências frequentemente são sub-representados ou invisibilizados nos grandes debates ambientais e climáticos.

A comunicação socioambiental, quando orientada por uma perspectiva crítica e participativa, busca justamente reposicionar essas comunidades como protagonistas do discurso ambiental, capazes de narrar suas próprias experiências, desafios e soluções. Isso implica reconhecer que:

- O território é um espaço de vida, cultura e trabalho, e não apenas um objeto de conservação;
- Os saberes tradicionais dialogam com o conhecimento técnico e científico;
- A defesa do meio ambiente está diretamente ligada à defesa dos modos de vida e dos direitos das populações locais.

No caso da Resex Verde Para Sempre, a comunicação socioambiental assume um papel estratégico ao permitir que as comunidades comuniquem o manejo florestal comunitário, as práticas de uso sustentável da floresta e os desafios enfrentados no território a partir de seus próprios pontos de vista. Ao fazer isso, amplia-se a compreensão pública sobre as Amazônias (Gonçalves, 2012), dada a tamanha diversidade ecológica, histórica, geográfica, econômica e sociocultural que constitui a região, deslocando narrativas simplificadoras e contribuindo para um debate climático mais justo e plural.

A formação de jovens comunicadores socioambientais, nesse sentido, contribui para democratizar o debate ambiental, fortalecer a incidência comunitária e ampliar



a presença das vozes da floresta nos espaços de comunicação. A comunicação expande seu papel de divulgação para uma estratégia político-pedagógico, capaz de articular cuidado ambiental, participação social e construção de futuros sustentáveis.

4.3 Noções básicas de texto jornalístico comunitário

O texto jornalístico comunitário é central na comunicação comunitária e socioambiental. Ele permite registrar fatos, divulgar informações relevantes, contar histórias locais e fortalecer a circulação de conteúdos de interesse coletivo. Diferente do jornalismo tradicional, o foco aqui não está na linguagem técnica ou na lógica comercial da notícia, mas na clareza, na utilidade social da informação e na proximidade com o cotidiano da comunidade.

No contexto da formação, o texto jornalístico comunitário foi trabalhado como uma prática acessível, possível de ser realizada por qualquer pessoa interessada em comunicar, desde que alguns princípios básicos sejam observados.

A clareza é o primeiro e mais importante elemento do texto comunitário. Um bom texto é aquele que pode ser compreendido por qualquer morador da comunidade, independentemente do nível de escolaridade. Isso implica:

- Uso de linguagem simples e direta;
- Frases curtas e objetivas;
- Explicação de termos técnicos quando necessário;
- Evitar jargões e palavras difíceis sem necessidade.

Comunicar com clareza é uma forma de respeito com quem lê e de garantir que a informação cumpra sua função social.

Para organizar as informações e evitar confusão, a formação trabalhou com as perguntas fundamentais do jornalismo, adaptadas ao contexto comunitário:

- O que aconteceu?
- Onde aconteceu?
- Quando aconteceu?
- Quem está envolvido?
- Por que isso é importante para a comunidade?
- Para quem estou escrevendo?

Essas perguntas ajudam o comunicador a estruturar o texto e garantem que as informações essenciais estejam presentes. No jornalismo comunitário, a pergunta "por que isso é importante?" ganha especial relevância, pois conecta o fato ao cotidiano e às preocupações coletivas.

Outro aspecto muito importante do texto jornalístico comunitário é a organização das ideias. Um texto bem organizado facilita a leitura e evita interpretações equivocadas. Durante a formação, os participantes foram orientados a estruturar seus textos de forma simples:

Início: apresentação do fato ou tema principal;

Desenvolvimento: explicação do que aconteceu, quem participou e como ocorreu;
Fechamento: destaque da importância do fato para a comunidade ou próximos passos.

Essa estrutura básica ajuda a manter o foco e torna o texto mais compreensível, mesmo quando escrito para redes sociais ou compartilhado em grupos de WhatsApp.

Ao trabalhar essas noções, a formação buscou mostrar que escrever bem não é um dom transcendental, mas uma prática que pode ser aprendida e aprimorada. O texto jornalístico comunitário torna-se, assim, um meio poderoso para dar visibilidade às ações locais, fortalecer a organização comunitária e ampliar a participação social.

Dicas práticas para escrever melhor

- Escreva primeiro, revise depois;
- Leia o texto em voz alta para perceber se está claro;
- Evite textos muito longos quando for divulgar em WhatsApp;
- Se possível, peça para outra pessoa ler antes de divulgar.

Lembre-se: o texto deve servir à comunidade, não ao ego de quem escreve.

Cuidados éticos no texto comunitário

Ao escrever sobre pessoas, comunidades ou instituições, é importante:
- Respeitar os fatos e não inventar informações;
- Evitar expor pessoas sem necessidade;
- Confirmar nomes, cargos e datas;
- Escrever com respeito, mesmo quando houver críticas.

4.4 Introdução ao podcast e à entrevista em áudio

O podcast e a produção de conteúdos em áudio ocupam um lugar estratégico na comunicação comunitária e socioambiental, especialmente em territórios ribeirinhos e de populações tradicionais. Trata-se de uma linguagem próxima da oralidade e muito conectada às culturas locais, onde a conversa, a escuta e a narrativa falada sempre foram essenciais na circulação de saberes.

Na formação, o áudio foi apresentado como um recurso simples e potente, capaz de registrar histórias, opiniões, memórias e informações importantes, utilizando apenas o celular. Ao contrário de formatos mais complexos, o podcast comunitário não exige

grandes estruturas técnicas, mas demanda escuta atenta, respeito e clareza de intenção comunicativa.

O áudio permite que as pessoas falem por si próprias, no seu tempo e com suas expressões. Isso reduz barreiras de participação e amplia o acesso à comunicação, especialmente para quem não se sente confortável com a escrita ou com a câmera.

No contexto da comunicação comunitária, o podcast pode servir para:

- Divulgar informações de interesse coletivo;
- Registrar relatos e memórias da comunidade;
- Entrevistar lideranças, moradores mais antigos e jovens;
- Comunicar ações de manejo florestal e projetos no território;
- Fortalecer a identidade cultural e o sentimento de pertencimento.

A entrevista em áudio foi trabalhada na formação como uma prática fundamental de escuta e diálogo. Não se limita a "fazer perguntas"; significa criar um espaço seguro para que a outra pessoa fale, compartilhe suas experiências e construa sua narrativa.

Alguns princípios orientadores apresentados aos participantes foram:

- Preparar perguntas abertas, que convidem à reflexão;
- Evitar interrupções desnecessárias;
- Demonstrar respeito e interesse pela fala do outro;
- Escolher um local silencioso para a gravação;
- Pedir autorização antes de gravar e explicar como o áudio será utilizado.

Esses cuidados são essenciais para garantir uma comunicação ética, respeitosa e alinhada aos valores comunitários.

Estrutura básica de um podcast comunitário

Durante a formação, foi apresentada uma estrutura simples para a produção de podcasts comunitários, adaptável a diferentes temas e contextos:

Abertura: apresentação de quem fala e do tema;
Desenvolvimento: entrevista, conversa ou relato principal;
Encerramento: resumo, agradecimento ou convite à escuta futura.

Essa estrutura ajuda a organizar a gravação e facilita a compreensão do conteúdo por quem ouve.

Ao introduzir o podcast e a entrevista em áudio, a formação buscou reforçar que ouvir é primordial para a comunicação. O áudio é uma possibilidade para fortalecer vínculos, valorizar narrativas locais e ampliar a presença das vozes comunitárias no debate socioambiental.

Planejamento rápido antes de gravar

Antes de apertar o botão de gravar, defina:

- Tema do áudio;
- Quem vai falar;
- Duração aproximada (1 a 3 minutos costuma funcionar bem);
- Onde o áudio será compartilhado.


CDS
Realização:
FVPP
CDS

4.5 Estruturação de roteiros simples para gravação com celular

A estruturação de roteiros simples é um elemento-chave para a produção de conteúdos em áudio e vídeo no contexto da comunicação comunitária e socioambiental. Durante a formação, o roteiro foi apresentado não como um texto rígido a ser decorado, mas como um apoio para organizar ideias, dar segurança a quem grava e garantir clareza na comunicação.

Em contextos comunitários, especialmente quando se utiliza o celular como principal ferramenta, o roteiro ajuda a evitar improvisações excessivas, esquecimentos e dispersões, sem comprometer a naturalidade da fala.

Para que serve um roteiro

O roteiro cumpre funções importantes na produção de conteúdos comunitários:

- Organiza o que será dito ou gravado;
- Define o objetivo do conteúdo (informar, registrar, mobilizar, contar uma história);
- Ajuda a controlar o tempo da gravação;
- Reduz a ansiedade de quem está falando diante do celular;
- Garante que as informações mais importantes sejam comunicadas.

Ao trabalhar com roteiros simples, a formação buscou mostrar que planejar a comunicação é um cuidado com quem vai escutar ou assistir.

Elementos básicos de um roteiro simples

Na formação, os participantes foram orientados a estruturar seus roteiros a partir de poucos elementos, facilmente aplicáveis no dia a dia:

Tema: sobre o que será o conteúdo;
Abertura: quem fala e por que aquele assunto é importante;
Desenvolvimento: a conversa, entrevista ou explicação principal;
Encerramento: agradecimento, convite ou mensagem final.

Essa estrutura foi aplicada tanto para podcasts quanto para vídeos curtos, garantindo versatilidade e facilidade de uso.

Ao dominar a construção de roteiros simples, os jovens comunicadores têm a oportunidade de ampliar sua autonomia comunicativa, passando a planejar conteúdos de forma consciente e alinhada aos objetivos da comunidade. O roteiro também facilita o trabalho coletivo, pois permite que diferentes pessoas compreendam o que será gravado e participem do processo.

A formação reforçou que o roteiro é um aliado, não um obstáculo à criatividade. Ele ajuda a transformar ideias em conteúdos claros, coerentes e conectados à realidade do território, fortalecendo a comunicação comunitária e socioambiental.



CAPÍTULO 5

O SEGUNDO ENCONTRO PRESENCIAL: VÍDEO COM CELULAR E ENTREVISTA AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA

Carga horária: 2 dias de atividades presenciais
Participantes: 8 jovens

O segundo encontro presencial marcou um aprofundamento da formação, avançando da produção em texto e áudio para a linguagem audiovisual, com foco no vídeo produzido a partir de dispositivos móveis. A proposta foi ampliar o repertório técnico e narrativo dos jovens, ao mesmo tempo em que se criou uma experiência prática concreta de comunicação comunitária articulada ao território e às instituições que atuam na Resex Verde Para Sempre.

Objetivos do encontro

O segundo encontro teve como objetivos principais:

• Apresentar o vídeo como linguagem estratégica da comunicação popular, capaz de informar, inspirar e mobilizar;
• Compartilhar noções básicas de audiovisual com celular, como enquadramento, plano, luz e captação de som;
• Trabalhar a entrevista audiovisual como prática de escuta, diálogo e registro institucional;
• Realizar uma experiência prática de produção coletiva em vídeo;
• Fortalecer a articulação entre juventude, comunicação comunitária e gestão do território.

Metodologia e abordagem

Assim como no primeiro encontro, o segundo foi orientado pela perspectiva educomunicativa, com forte ênfase no protagonismo, na aprendizagem pela prática, na experimentação coletiva e na reflexão crítica sobre a comunicação produzida.

O encontro foi organizado em dois dias complementares:

- O primeiro dia foi dedicado à formação técnica, conceitual e aos exercícios de planejamento e gravação;
- O segundo dia foi voltado à realização de uma produção audiovisual concreta, conectada ao contexto institucional da Resex.

A redução no número de participantes em relação ao primeiro encontro possibilitou um acompanhamento mais próximo e individualizado dos jovens, favorecendo o aprofundamento técnico e o cuidado com o processo formativo.

Conteúdos trabalhados

Durante o segundo encontro, foram abordados os seguintes conteúdos:

- O papel do vídeo na comunicação comunitária e socioambiental;
- Funções do vídeo popular: informar, inspirar e mobilizar;
- Noções básicas de audiovisual com celular (planos, enquadramento, estabilidade, luz e som);
- Estrutura de roteiros simples para vídeo;
- Entrevista audiovisual como prática ética e dialógica;
- Cuidados na gravação de pessoas, lideranças e representantes institucionais.

Esses conteúdos foram sempre contextualizados a partir da realidade da Resex Verde Para Sempre e dos temas relacionados ao manejo florestal comunitário, à gestão do território e à vida comunitária.

Atividades desenvolvidas

Primeiro dia: formação e exercícios práticos

No primeiro dia, foram realizadas:

- Exposição dialogada sobre o vídeo na comunicação popular, com exibição de vídeos comunitários amazônicos como referência;
- Debate guiado, com perguntas como: "O que esse vídeo quis dizer?" e "O que mais chamou atenção?";
- Exercícios práticos de enquadramento, captação de som e organização do espaço de gravação;
- Elaboração coletiva de roteiros simples para vídeo, em pequenos grupos;
- Simulações de gravação, com feedback coletivo e orientações técnicas.

Essas atividades permitiram que os jovens experimentassem o vídeo de forma gradual, reduzindo inseguranças e fortalecendo a confiança no uso do celular como ferramenta comunicativa.

Segundo dia: gravação de podcast em formato de vídeo

O segundo dia foi dedicado à gravação de um podcast em formato de vídeo com a chefe da Reserva Extrativista Verde Para Sempre, analista do ICMBio. A atividade teve caráter formativo e institucional, ao:

- Inserir os jovens em uma situação real de produção audiovisual;
- Exercitar a condução de entrevista com uma representante da gestão da unidade de conservação;
- Fortalecer a articulação entre juventude, comunicação comunitária e instituições públicas;
- Produzir um conteúdo estratégico para comunicação da Resex e do projeto.

Os jovens participaram das diferentes etapas do processo, incluindo organização do espaço, definição das perguntas, condução da entrevista e atenção aos aspectos técnicos da gravação.

Atividades assíncronas

Ao final do encontro, foram propostos exercícios práticos para continuidade da aprendizagem, incentivando os participantes a aplicar os conteúdos trabalhados em seus próprios contextos comunitários. As tarefas envolveram a produção de vídeos curtos e o exercício contínuo de roteirização, gravação e observação crítica dos materiais produzidos.

Resultados do encontro

O segundo encontro demonstrou o avanço dos jovens na linguagem audiovisual e fortaleceu a compreensão do vídeo como ferramenta de comunicação comunitária e socioambiental. A experiência prática com a entrevista audiovisual contribuiu para:

- Ampliar a confiança dos participantes;
- Reforçar a importância da escuta e da ética na comunicação;
- Aproximar os jovens dos processos institucionais de gestão da Resex;
- Gerar conteúdos com potencial de circulação e uso comunitário.

Esse encontro preparou o grupo para a etapa final da formação, dedicada à fotografia comunitária e à construção coletiva do Guia de Comunicação Socioambiental.

5.1 O papel do vídeo na comunicação comunitária e socioambiental

O vídeo ocupa um lugar cada vez mais de destaque na comunicação comunitária e socioambiental, especialmente em contextos marcados pelo constante uso de dispositivos móveis e de redes sociais on-line. Trata-se de uma linguagem que combina imagem, som e narrativa, permitindo registrar o cotidiano, expressar emoções, contar histórias e dar visibilidade a experiências locais de forma direta e acessível.

Na comunicação comunitária, o vídeo se destaca por sua capacidade de aproximar quem produz de quem assiste, reduzindo distâncias simbólicas e fortalecendo o reconhecimento das identidades locais. Em territórios como a Resex Verde Para Sempre, o vídeo permite mostrar a floresta, o rio, o trabalho e a vida comunitária a partir do olhar de quem vive nesses espaços, contribuindo para romper estereótipos, preconceitos e narrativas externas simplificadoras.

No campo da comunicação socioambiental, o vídeo assume papel estratégico na disputa de sentidos sobre o meio ambiente, o clima e o desenvolvimento. Ao registrar práticas de manejo florestal comunitário, experiências de organização social e relatos de moradores, o vídeo amplia a participação das comunidades no debate ambiental e climático, fortalecendo narrativas ancoradas no território e nos modos de vida tradicionais.

O vídeo no contexto da comunicação popular pode cumprir diferentes funções que frequentemente se combinam em uma mesma produção:

- **Informar**: registrar fatos, divulgar decisões comunitárias, explicar projetos, comunicar ações e eventos de interesse coletivo. O vídeo informativo contribui para a circulação de dados e para a transparência dos processos no território.
- **Inspirar**: contar histórias que emocionam, valorizam pessoas, práticas e saberes locais. Vídeos inspiradores fortalecem a autoestima comunitária e ajudam a construir narrativas positivas sobre o território e seus habitantes.
- **Mobilizar**: convocar e estimular a participação em reuniões, mutirões, atividades coletivas ou ações de defesa do território. O vídeo mobilizador atua como instrumento de engajamento e organização social.

Durante a formação, essas funções foram apresentadas como referências para ajudar os jovens a definir a intenção comunicativa de cada vídeo antes da gravação, orientando escolhas de linguagem, roteiro e formato.

5.2 Noções básicas de audiovisual com celular

O uso do celular como dispositivo audiovisual amplia o acesso à comunicação, mas exige atenção a alguns princípios básicos para garantir qualidade e clareza.

Entre os elementos trabalhados na formação, destacam-se:

- **Planos**: plano aberto (mostra o ambiente), plano médio (mostra a pessoa do tronco para cima) e plano fechado (foco no rosto ou detalhe). A escolha do plano influencia a mensagem transmitida.
- **Enquadramento**: posicionamento adequado da pessoa ou objeto no quadro, evitando cortes inadequados e fundos que distraiam a atenção.
- **Estabilidade**: manter o celular firme, apoiado ou segurado com as duas mãos, evitando movimentos bruscos que dificultem a compreensão do vídeo.
- **Luz**: priorizar luz natural, posicionando a pessoa de frente ou lateralmente à fonte de luz, evitando gravar contra o sol.
- **Som**: escolher locais silenciosos, aproximar o celular de quem fala e evitar vento ou ruídos excessivos.

Esses cuidados simples fazem muita diferença na qualidade final do vídeo, mesmo sem equipamentos profissionais.

5.3 Estrutura de roteiros simples para vídeo

Assim como no áudio, o roteiro simples é um elemento fundamental na produção de vídeos comunitários. Ele ajuda a organizar ideias, definir o foco do conteúdo e garantir que a mensagem principal seja transmitida.

Na formação, foi trabalhada uma estrutura básica e flexível de roteiro para vídeo:

a) **Abertura**: apresentação de quem fala e do tema;
b) **Desenvolvimento**: explicação, relato ou entrevista principal;
c) **Encerramento**: mensagem final, agradecimento ou convite à ação.

Essa estrutura permite planejar vídeos curtos, adequados à circulação em redes sociais e grupos de WhatsApp, sem engessar a fala ou comprometer a espontaneidade.

5.4 Entrevista audiovisual como prática ética e dialógica

A entrevista audiovisual foi apresentada como uma prática central da comunicação comunitária, baseada na escuta, no diálogo e no respeito. Não é somente coletar respostas. Entrevistar significa criar um espaço de fala para que a pessoa entrevistada possa expressar suas ideias e experiências com liberdade.

Entre os princípios trabalhados destacam-se:

- Preparação prévia das perguntas;
- Preferência por perguntas abertas;
- Atenção à escuta, evitando interrupções;
- Clareza sobre o objetivo da entrevista;
- Explicação prévia sobre como o material será utilizado.

Esses cuidados fortalecem a confiança entre entrevistador e entrevistado e contribuem para uma comunicação ética e responsável. São atitudes fundamentais para fortalecer relações de confiança, evitar conflitos e garantir que a comunicação comunitária esteja alinhada aos valores de respeito, responsabilidade e cuidado com o território.

Planejamento rápido antes da gravação

Antes de gravar, combine:

• Objetivo do vídeo (informar, registrar, mobilizar);
• formato (fala direta, entrevista, registro de ação);
• duração (vídeos curtos funcionam melhor);
• local da gravação.

Cuidados básicos durante a gravação

• Grave com o celular na horizontal, sempre que possível;
• Escolha um fundo simples e organizado;
• Mantenha o celular firme;
• Cuide para que o rosto esteja bem iluminado;
• Evite gravar contra o sol;
• Fique atento ao som ambiente.

Cuidados na gravação de pessoas, lideranças e representantes institucionais

• Gravar pessoas em contextos comunitários exige atenção especial a aspectos éticos e relacionais. Durante a formação, foi reforçada a importância de:
• Pedir autorização antes de gravar ou divulgar imagens e falas;
• Explicar claramente o objetivo do vídeo e onde ele será divulgado;
• Respeitar o tempo, a fala e os limites da pessoa entrevistada;
• Evitar exposições desnecessárias ou constrangedoras;
• Tratar lideranças comunitárias e representantes institucionais com respeito e clareza de papéis.



CAPÍTULO 6

O TERCEIRO ENCONTRO PRESENCIAL: FOTOGRAFIA EM AMBIENTE COMUNITÁRIO

Carga horária: 8 horas
Participantes: 9 jovens

O terceiro e último encontro presencial teve caráter de síntese e de culminância da Formação de Jovens Comunicadores Socioambientais. Nele, os aprendizados construídos ao longo dos encontros anteriores foram integrados por meio da fotografia comunitária e da elaboração coletiva do Guia de Comunicação Socioambiental da Resex Verde Para Sempre, consolidando a formação como processo educativo, comunicativo e territorial.

Objetivos do encontro

O encontro teve como objetivos principais:

- Desenvolver o olhar sensível e crítico dos jovens para a fotografia como linguagem comunicativa;
- Apresentar noções básicas de fotografia com celular, articulando técnica e narrativa visual;
- Realizar exercícios práticos de registro fotográfico no território;
- Promover a curadoria coletiva das imagens produzidas;
- Construir, de forma participativa, as diretrizes do Guia de Comunicação Socioambiental;
- Encerrar o processo formativo valorizando o protagonismo juvenil e o legado coletivo.

Metodologia e abordagem

O encontro foi conduzido integralmente a partir da perspectiva educomunicativa, priorizando a aprendizagem pela experiência, a construção coletiva e a valorização das vivências dos participantes.

A metodologia integrou três dimensões complementares:

- **Formação técnica**, com introdução aos fundamentos da fotografia comunitária;
- **Prática territorial**, com saída fotográfica orientada;
- **Sistematização coletiva**, com a transformação dos aprendizados em diretrizes para o Guia.

Essa combinação permitiu que a fotografia fosse trabalhada não apenas como técnica, mas como forma de olhar, narrar e interpretar o território.

Conteúdos trabalhados

Durante o encontro, foram abordados os seguintes conteúdos:

- Fotografia comunitária como registro, memória e narrativa;
- Ética e responsabilidade na produção de imagens;
- Noções básicas de fotografia com celular (luz, enquadramento, planos e foco);
- Leitura crítica da imagem: o que a foto mostra e o que comunica;
- Curadoria coletiva e seleção de imagens;
- Princípios da comunicação comunitária aplicados à fotografia;
- Sistematização de aprendizados em forma de guia.

Esses conteúdos dialogaram diretamente com as linguagens trabalhadas nos encontros anteriores, reforçando a integração entre texto, áudio, vídeo e fotografia.

Atividades desenvolvidas

O encontro foi organizado em blocos articulados:

- **Acolhida e retomada do percurso formativo**, com conversa sobre os aprendizados dos encontros anteriores;
- **Introdução à fotografia comunitária**, com apresentação dialogada e exemplos de imagens produzidas em contextos amazônicos;
- **Exercícios práticos de fotografia**, realizados no entorno do local da oficina, com temas orientadores como vida comunitária, trabalho, floresta e território;
- **Curadoria coletiva**, com seleção, exibição e debate das fotografias produzidas;
- **Oficina de construção do Guia de Comunicação Socioambiental**, em grupos temáticos;
- **Plenária de consolidação**, reunindo os conteúdos produzidos pelos grupos em uma estrutura única do Guia;
- **Encerramento simbólico**, com roda de avaliação, compartilhamento de percepções e reconhecimento do percurso realizado.

6.1 Construção das orientações para a publicação "Comunicação Socioambiental"

A elaboração do Guia constituiu o eixo central do terceiro encontro. A partir de perguntas orientadoras e do trabalho em grupos, os jovens transformaram suas experiências e aprendizados em diretrizes práticas, abordando:

- Princípios da comunicação comunitária;
- Boas práticas de texto, áudio, vídeo e fotografia;
- Cuidados éticos na comunicação em territórios tradicionais;
- Orientações para comunicar o manejo florestal comunitário e a vida na Resex.

Esse processo reforçou o caráter autoral do Guia e consolidou a formação como uma experiência de produção coletiva de conhecimento.

Resultados do encontro

O terceiro encontro resultou em:

- Um conjunto de fotografias comunitárias, produzidas pelos participantes;
- A realização de uma curadoria coletiva, fortalecendo a leitura crítica das imagens;
- A elaboração do conteúdo-base do Guia de Comunicação Socioambiental;
- O fortalecimento do sentimento de pertencimento e autoria dos jovens;
- O encerramento do ciclo formativo com reconhecimento do protagonismo juvenil.

6.2 Introdução à fotografia comunitária

A fotografia comunitária é uma forma de comunicação visual que parte do cotidiano, das relações e das experiências vividas pelas próprias comunidades. Diferente de abordagens externas ou documentais tradicionais, ela se constrói a partir do olhar de quem vive o território, reconhecendo a imagem como meio de expressão, memória, denúncia e valorização cultural.

Em contextos amazônicos, a fotografia comunitária assume um papel ainda mais relevante. A floresta, os rios, o trabalho extrativista, as festas, os deslocamentos e as relações de vizinhança são frequentemente representados por olhares externos, que tendem a reforçar estereótipos ou superficialidades. A fotografia comunitária busca reverter essa lógica, permitindo que as próprias comunidades registrem e comuniquem suas realidades a partir de seus referenciais, tempos e sensibilidades.

Durante a formação, a introdução à fotografia foi realizada por meio de apresentações dialogadas, com exemplos de imagens produzidas em contextos amazônicos e comunitários. Esse momento teve como objetivo provocar reflexão sobre perguntas centrais, como:

- O que escolhemos fotografar e por quê?

- O que uma imagem revela sobre o território?
- Que histórias podem ser contadas sem palavras?
- Como a fotografia pode fortalecer a identidade comunitária?

Essas questões ajudaram os participantes a compreender que fotografar é também interpretar e narrar o mundo, e que toda imagem carrega escolhas, intenções e valores.

Elementos de uma imagem e composição visual

Para que a fotografia comunitária cumpra seu papel comunicativo, é importante dominar algumas técnicas básicas, especialmente quando se utiliza o celular como principal recurso tecnológico. Essas técnicas não têm como objetivo padronizar ou "profissionalizar" excessivamente a produção, mas ampliar as possibilidades expressivas de quem fotografa.

Toda fotografia é composta por diferentes elementos visuais que interagem entre si:

- **Tema principal**: o que se deseja destacar na imagem (pessoa, ação, objeto, paisagem);
- **Fundo**: o que aparece atrás do tema e pode reforçar ou atrapalhar a leitura da imagem;
- **Luz**: natural ou artificial, responsável por revelar formas, cores e texturas;
- **Cores e contrastes**: ajudam a guiar o olhar de quem observa a fotografia;
- **Linhas e formas**: caminhos visuais que conduzem a atenção dentro da imagem.

Compreender esses elementos ajuda o fotógrafo comunitário a construir imagens mais claras e comunicativas.

Regra dos terços e organização do enquadramento

A regra dos terços é uma das técnicas mais simples e eficazes para melhorar a composição de uma fotografia. Ela consiste em imaginar a imagem dividida em nove partes iguais, a partir de duas linhas horizontais e duas verticais. Os pontos de cruzamento dessas linhas são considerados áreas de maior interesse visual.

Na prática, isso significa:

- Evitar centralizar sempre o tema principal;
- Posicionar pessoas, objetos ou elementos importantes próximos aos pontos de interseção;
- Criar imagens mais equilibradas e agradáveis visualmente.

Durante a formação, essa regra foi apresentada de forma prática, utilizando a grade disponível na câmera do celular, o que facilitou sua aplicação imediata pelos participantes.

Fotografia como escolha e responsabilidade

Além da técnica, a formação reforçou que a fotografia comunitária envolve escolhas éticas e políticas. Fotografar é decidir o que será visto, lembrado e compar-


FOTOGRAFIA

tilhado. Por isso, aspectos como respeito às pessoas, consentimento, cuidado com a exposição e atenção ao contexto são fundamentais.

Ao articular técnica, olhar sensível e responsabilidade, a fotografia comunitária torna-se uma poderosa ferramenta de comunicação socioambiental, capaz de fortalecer narrativas locais, registrar modos de vida e ampliar a participação das comunidades nos debates ambientais e climáticos.

Dicas práticas para fotografar com celular

- Ative a grade da câmera para ajudar no enquadramento;
- Aproxime-se do tema principal;
- Observe o fundo antes de fotografar;
- Use a regra dos terços para posicionar pessoas e objetos;
- Evite fotos tremidas (apoie o celular);
- Aproveite a luz natural, especialmente no início da manhã e no fim da tarde.

Sequência de fotos e narrativa visual

Uma boa prática é pensar a fotografia em sequência, e não isoladamente:

- Uma foto do ambiente;
- Uma foto da atividade;
- Uma foto de detalhe;
- Uma foto de pessoas envolvidas.



CAPÍTULO 7

AVALIAÇÃO DA FORMAÇÃO, LIÇÕES APRENDIDAS E SABERES PRODUZIDOS NO PROCESSO EDUCOMUNICATIVO

Este capítulo apresenta a avaliação qualitativa da Formação de Jovens Comunicadores Socioambientais, realizada a partir de uma dinâmica participativa no último encontro presencial. A análise aqui sistematizada baseia-se nas falas, reflexões e produções dos participantes, compreendendo a avaliação não como um instrumento meramente aferidor de satisfação, mas como um dispositivo pedagógico e epistemológico, capaz de produzir conhecimento sobre o próprio processo formativo.

No processo de avaliação, os participantes foram assumidos como coprodutores de sentidos, contribuindo ativamente para a reflexão crítica sobre os conteúdos, metodologias e limites do percurso realizado.

7.1 Avaliação como prática dialógica e formativa

A dinâmica de avaliação foi estruturada a partir do trabalho em grupos organizados por afinidade com as linguagens comunicativas (texto, áudio, vídeo e fotografia). Essa opção metodológica permitiu aprofundar a análise das experiências vividas em cada eixo, ao mesmo tempo em que evidenciou a diversidade de perfis, interesses e ritmos de aprendizagem entre os participantes.

Do ponto de vista analítico, a avaliação revelou que a formação operou como um processo de deslocamento simbólico, no qual os jovens passaram a compreender a comunicação não apenas como técnica, mas como prática social, ética e

política. A recorrência de termos como "autonomia", "voz", "escolha" e "respeito" nas falas indicou a incorporação dos principais princípios da comunicação comunitária e popular.

7.2 Comunicação, autonomia e poder de enunciação

Um dos achados evidenciados por meio da avaliação diz respeito à compreensão da comunicação como exercício de autonomia. Os participantes reconheceram que o ato de comunicar envolve escolhas conscientes e que o "querer comunicar" deve partir dos próprios sujeitos do território. Essa percepção apontou para um avanço conceitual relevante, pois desloca a comunicação de uma lógica instrumental para uma lógica emancipatória, na qual o poder de enunciação é reconhecido como direito comunitário.

Esse resultado dialoga diretamente com abordagens críticas da comunicação, nas quais a centralidade não está nos meios, mas nos sujeitos e nas condições de produção do discurso. A formação, nesse aspecto, contribuiu para fortalecer a ideia de que comunicar é decidir o que merece ser dito e como será dito, a partir de referenciais próprios.

7.3 Saberes produzidos a partir das linguagens comunicativas

As falas do grupo dedicado à fotografia demonstraram que os participantes não apenas assimilaram elementos técnicos, mas desenvolveram uma leitura crítica da imagem. A fotografia foi compreendida como linguagem capaz de informar, sensibilizar e comunicar emoções, reforçando sua dimensão narrativa e interpretativa.

Destaca-se, ainda, a internalização de princípios éticos, especialmente no que se refere à escolha do que mostrar e do que preservar. A compreensão de que a imagem pode comunicar sem expor explicitamente situações sensíveis indica um amadurecimento ético relevante e reforça a fotografia comunitária como prática responsável e contextualizada.

7.3.1 Áudio: técnica, escuta e diferenciação de papéis

No eixo do áudio, a avaliação revelou um reconhecimento claro das dificuldades técnicas enfrentadas, como ruídos, nervosismo e falta de domínio de ferramentas de edição. Ao mesmo tempo, os participantes demonstraram capacidade analítica ao identificar soluções possíveis e ao apontar a necessidade de formações mais específicas.

Um elemento relevante foi a diferenciação espontânea de perfis comunicativos: alguns participantes se identificaram mais com a narração e a entrevista, enquanto


MANEJO FLORESTAL COMUNITÁRIO DE USO MÚLTIPLO
Comunidades: Inumbi, Itapuã, Paraíso, Porta Meus Deus, Espírito Santo, Carú.
PASSO A PASSO
FVPP

outros apresentaram interesse pela operação técnica e edição. Esse achado reforça a importância de modelos formativos que reconheçam a comunicação comunitária como prática coletiva, com múltiplos papéis e competências.

7.3.2 Vídeo: exposição, insegurança e processo de aprendizagem

A linguagem do vídeo foi identificada como a mais desafiadora, sobretudo em função da exposição diante da câmera. As falas evidenciaram insegurança, nervosismo e percepção de insuficiência técnica, mas também expressaram desejo de continuidade e aprofundamento.

Do ponto de vista analítico, esse dado é importante por indicar que a formação cumpriu um papel de iniciação e sensibilização, e não de conclusão. Os participantes se reconheceram em processo, compreendendo a aprendizagem audiovisual como algo progressivo, o que reforça a necessidade de trajetórias formativas continuadas.

7.3.3 Texto: planejamento, clareza e limites percebidos

A avaliação do eixo textual revelou a valorização do planejamento e da organização do pensamento como principais aprendizados. Os participantes demonstraram compreensão da importância da estrutura (início, meio e fim) e da linguagem simples, mas também dos limites, especialmente no que se refere à elaboração autônoma de textos mais longos ou complexos.

Isso aponta para a necessidade de aprofundamento gradual e de exercícios contínuos, reafirmando que a escrita, no contexto comunitário, deve ser tratada como prática processual e não como habilidade dada.

7.4 Ética, simplicidade e comunicação como prática coletiva

De forma transversal, a avaliação destacou o caráter ético do processo formativo. Os participantes demonstraram em diferentes falas compreender que toda prática comunicativa envolve implicações morais, decisões sobre exposição e responsabilidade sobre os efeitos da comunicação no território.

Outro aspecto recorrente foi a ressignificação da simplicidade, apreendida não como superficialidade, mas como resultado de planejamento, clareza e respeito ao público. Essa compreensão contribui para desnaturalizar a ideia de que comunicação comunitária é "menor" ou "menos qualificada", reafirmando seu valor técnico e político.

A dimensão coletiva da comunicação também emergiu como aprendizado primordial, ainda que desafiador. Trabalhar em grupo, negociar ideias e construir consensos foram identificados como elementos fundamentais da experiência educomunicativa.



CONSIDERAÇÕE FINAIS

A Formação de Jovens Comunicadores Socioambientais realizada na Reserva Extrativista Verde Para Sempre consolidou-se como uma experiência formativa situada, participativa e alinhada aos princípios da comunicação comunitária, da comunicação socioambiental e da educomunicação. Ao longo dos três encontros presenciais e das atividades assíncronas, foi possível observar a construção progressiva de habilidades técnicas, reflexivas e éticas, articuladas ao território e aos modos de vida das comunidades ribeirinhas.

A formação evidenciou que processos educomunicativos, desenvolvidos a partir da escuta, do protagonismo juvenil e da valorização dos saberes locais, são capazes de produzir efeitos que extrapolam o domínio de ferramentas e linguagens. O principal resultado observado foi o fortalecimento do poder de voz dos participantes, que passaram a reconhecer a comunicação como prática de autonomia, responsabilidade e incidência social.

Do ponto de vista formativo, a experiência demonstrou que:

- A comunicação comunitária, quando trabalhada de forma crítica e prática, contribui para ampliar a participação social e o reconhecimento das narrativas territoriais;
- A articulação entre texto, áudio, vídeo e fotografia favorece a diversidade de formas de expressão e acolhe diferentes perfis comunicativos;
- O uso de dispositivos móveis, aliado a orientações simples e contextualizadas, é suficiente para produzir conteúdos relevantes e comunicativos;
- A abordagem educomunicativa se demonstrou estruturante, de modo a per-

passar do planejamento à materialização do presente guia, fortalecendo vínculos e potencializando a aprendizagem coletiva.

Esses resultados confirmam a pertinência da formação como ação complementar às iniciativas de fortalecimento do manejo florestal comunitário na Resex Verde para Sempre, ao contribuir para a visibilidade das práticas locais e para o diálogo com diferentes públicos.

A formação também contou com limites e desafios, especialmente no que se refere ao tempo disponível para aprofundamento técnico, às inseguranças iniciais diante das diferentes linguagens abordadas e à necessidade de continuidade formativa.

Esses limites felizmente não comprometeram a experiência e se constituíram em aprendizados importantes. Eles reforçam que processos de formação em comunicação devem ser pensados como trajetórias contínuas, com diferentes níveis de aprofundamento, respeitando os ritmos e interesses dos participantes, sobretudo quando se trata de comunidades ribeirinhas e tradicionais.

Outro aprendizado diz respeito à importância de reconhecer e valorizar a divisão de papéis na comunicação comunitária, permitindo que jovens se identifiquem com diferentes funções - narrar, entrevistar, editar, fotografar, organizar - sem hierarquização de saberes.

Ao reunir fundamentos teóricos, orientações práticas e reflexões advindas da experiência, este guia reforça a possibilidade de replicação e adaptação da formação em outros contextos de populações tradicionais, respeitando suas especificidades culturais e territoriais.

A partir dos resultados da formação e das avaliações realizadas, alguns desdobramentos futuros se apresentam como estratégicos:

- Desenvolvimento de módulos de aprofundamento, especialmente em edição de áudio e vídeo;
- Criação de formações específicas por linguagem, respeitando os interesses dos participantes;
- Acompanhamento dos jovens comunicadores na produção e circulação de conteúdos;
- Fortalecimento de redes locais de comunicação comunitária;
- Integração da comunicação comunitária a outras ações de gestão territorial e manejo florestal;
- Estímulo à produção contínua de conteúdos sobre o território, o manejo e a vida comunitária.

Esses desdobramentos apontam para a comunicação como dimensão estruturante das políticas e projetos voltados às populações tradicionais, contrariando percepções limitadas que a subjugam como ação acessória ou pontual.

A experiência da Formação de Jovens Comunicadores Socioambientais na Resex Verde Para Sempre reafirma que comunicar é também cuidar do território. Ao fortalecer vozes locais, registrar saberes e construir narrativas próprias, a comunicação comunitária contribui para ampliar o debate socioambiental e climático a partir da Amazônia vivida e habitada.

Este guia encerra um ciclo formativo, mas inaugura novos caminhos. Ele é um convite à continuidade, à experimentação e à multiplicação de práticas comunicativas comprometidas com a justiça socioambiental, o protagonismo juvenil e a valorização dos territórios tradicionais.

REFERÊNCIAS

ABPEDUCOM. **Educomunicação Socioambiental é oficialmente apresentada como a 8ª Área de Intervenção Social do campo**. ABPEducom, 2026. Disponível em: https://abpeducom.org.br/educomunicacao-socioambiental-e-oficialmente-apresentada-como-a-8a-area-de-intervencao-social-do-campo/. Acesso em: 03 out. 2026.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. 247 p.

BORDENAVE, J. D. El desarrollo de un comunicador para el desarrollo. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 12, n. 23, 2016. DOI: 10.55738/alaic.v12i23.215. Disponível em: https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/215. Acesso em: 3 out. 2026.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2012. Edição Kindle.

KOFFERMANN, Marcia. **Educomunicação**: dos fundamentos às áreas de intervenção. Brasília, DF: Edebê Brasil, 2025. Disponível em: https://edbbrasil.org.br/educacao/educamunicacao-fundamentos. Acesso em: 03 out. 2026.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 2, n. 2, p. 205–228, 2013. DOI: 10.5216/c&i.v2i2.22855. Disponível em: https://revistas.ufg.br/ci/article/view/22855. Acesso em: 3 out. 2026.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulinas, 2011.



Esta publicação nasce do encontro entre juventude, território e comunicação na Reserva Extrativista Verde Para Sempre, no Pará.
A partir da experiência de formação realizada pelo Instituto Floresta Tropical (IFT), reúne reflexões, aprendizados e orientações para fortalecer a comunicação socioambiental feita por quem vive a floresta. Parte da campanha de 30 anos do IFT, o livro reafirma que comunicar também é cuidar do território, valorizar saberes e fortalecer vozes da Amazônia.

30 IFT anos